

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 10: Estratégias empresarias desplegadas dentro y fuera Del espacio de trabajo. Desafíos conceptuales y metodológicos para La construcción de uma perspectiva etnográfica.

Dr. José Sergio Leite Lopes (PPGAS/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Brasil)

Dr. Hernán M. Palermo (UBA-UNAJ / Centro de Estudios e Investigaciones Laborales del CONICET / Argentina)

Título do trabalho: “ ‘Os gringos chegaram ! Tenho que usar luvas e avental ?’ : A presença da Fundação Rockefeller no Instituto Oswaldo Cruz e as transformações nas relações cotidianas de vida e de trabalho dos trabalhadores técnicos”

Nome : Doutora Muza Clara Chaves Velasques

Filiação Institucional : Docente Pesquisadora do Laboratório do Trabalho e da Educação Profissional em Saúde (Lateps) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio(EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Resumo:

Título do trabalho: “ ‘Os gringos chegaram! Tenho que usar luvas e avental ?’: A presença da Fundação Rockefeller no Instituto Oswaldo Cruz e as transformações nas relações cotidianas de vida e de trabalho dos trabalhadores técnicos ”

Esta comunicação pretende discutir as transformações nas relações de trabalho e a construção de um “novo tipo” de trabalhador técnico da saúde a partir da aproximação da Fundação Rockefeller ao antigo Instituto Oswaldo Cruz/IOC . Consolida-se neste momento uma interferência direta na organização dos processos de trabalho para a pesquisa e a fabricação dos medicamentos no Instituto, instalando-se um novo tipo de saber e cultura do trabalho voltados aos trabalhadores manuais do IOC. As antigas relações que produziam um saber e um cotidiano onde o “técnico de laboratório” mantinham suas tradicionais características de um “faz tudo” dentro de uma realidade local, familiar e “natural”, são definitivamente substituídas por uma lógica cada vez mais próxima ao modelo taylorista, correspondendo às novas perspectivas da saúde e da ciência no âmbito das relações de trabalho/capital internacional. Mesmo após o fim dos acordos entre a Fundação Rockefeller e o IOC, as mudanças instituídas não foram interrompidas.

Resumo Expandido

Título do trabalho: “ ‘Os gringos chegaram ! Tenho que usar luva e avental ?’ : A presença da Fundação Rockefeller no Instituto Oswaldo Cruz e as transformações nas relações cotidianas de vida e de trabalho dos trabalhadores técnicos”

Objeto: Esta pesquisa tem como objeto o estudo das relações de trabalho e produção introduzidas a partir da presença da Fundação Rockefeller no Instituto Oswaldo Cruz/IOC (hoje Fundação Oswaldo Cruz, localizada no subúrbio de Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro). Com a presença da Fundação Rockefeller no IOC, podemos observar uma maior velocidade nas transformações da organização dos processos de trabalho, na produção e na gestão, dos trabalhadores técnicos de laboratório do IOC. Destacadamente no que diz respeito a uma nova disciplina e hierarquização no trabalho; a introdução de processos formativos até então inexistentes; a criação e regulação das profissões no IOC; e as mudanças que afetaram diretamente as experiências de vida dos trabalhadores manuais, inclusive, na ruptura na relação direta que existia entre o morar e o trabalhar no Instituto.

Criada no início do século XX, no contexto das remodelações dos códigos sanitários internacionais e com o objetivo de implementar medidas sanitárias uniformes no continente americano, que se coadunassem com os padrões produtivos do capitalismo, a Fundação Rockefeller consolidou-se no centro de uma ampla rede de organizações internacionais, cujo financiamento provinha, em sua maior parte dos Estados Unidos. Apresentando-se como Instituição filantrópica e de cunho científico, ela atuou prioritariamente nas áreas de educação, medicina e sanitarismo, associada a um grande grupo industrial e comercial norte-americano, liderado pelo milionário John D. Rockefeller. Através do seu aporte financeiro e de um discurso voltado para a saúde pública, consolidou sua entrada na América Latina, implantando seus métodos de trabalho no controle e erradicação de moléstias com base em convênios de cooperação com instâncias governamentais, federal e estadual. Na década de 30 do século XX, instaurou o primeiro convênio com o governo brasileiro, o que garantiu a cooperação médico-sanitária e educacional para programas de erradicação das endemias. Desta forma introduziu com mais facilidade seu modelo de organização nos processos administrativos. Avançou, a partir daí, diretamente nos setores de pesquisa, produção e controle de vacinas para a febre amarela, instalando-se no antigo IOC, em Manguinhos.

Nas contradições e disputas com o Estado brasileiro durante a década de 50, a Fundação Rockefeller foi paulatinamente se retirando do controle das atividades apontadas, mantendo-se presente, de forma mais indireta, principalmente no financiamento de pesquisas no país.

No processo de expansão do discurso e práticas das políticas de saneamento para a América Latina, alargou-se, pelas vias do discurso da saúde e da ciência, o domínio estadunidense sobre o continente, fortalecendo as novas formas de exploração do trabalho no mundo capitalista nestes setores ¹. Logo, o padrão e critérios tayloristas de organização do trabalho, acabaram regendo os serviços ligados a ações voltadas para o combate da febre amarela, criados pela fundação Rockefeller no campus de Manguinhos, contrastando, dessa forma, dramaticamente com as antigas relações e experiências de trabalho dos trabalhadores manuais do IOC. A individualização nas tarefas e a hierarquização das funções dão o tom dessas mudanças.

Objetivo: O objetivo central dessa pesquisa é entender quais os mecanismos e ações utilizados pelo Instituto Oswaldo Cruz e pela Fundação Rockefeller, para a implementação de uma nova lógica de trabalho, que transformou paulatinamente e completamente, as antigas relações que existiam e que foram formadoras da identidade dos trabalhadores do Instituto durante várias décadas, e que, fortemente influenciaram a construção da identidade do local, ou seja, do Morro do Amorim, nos arredores do subúrbio de Manguinhos, onde o IOC foi instalado desde início do século XX. Ainda neste sentido, procuro entender o processo de construção e desconstrução das identidades de classe aí estabelecidas.

Metodologia (e campo teórico): A fundamentação teórica da pesquisa tem como base o diálogo com o campo da história social do trabalho, nos estudos e discussões conceituais produzidos a partir das obras do historiador E.P.thompson. O avanço da produção inglesa, neste campo da história, nas últimas duas décadas, na discussão sobre a “multiplicidade” da classe trabalhadora, das formas de construção de identidade de classe, e a própria afirmação da importância do conceito de classe social, tem sido fundamentais para o amadurecimento das minhas reflexões teóricas. Destaco aqui os trabalhos que os historiadores ingleses Mike Savage(2004) e Neville Kirk(2004), e

¹ Kobayashi (2009) discute a importância da Fundação Rockefeller para a divulgação e afirmação do discurso de propagação da eugenia no Brasil.

pelo também europeu Marcel Van Der Linden(2009) vem desenvolvendo neste campo. Porém, é na produção da história social do trabalho realizada no Brasil, pelos historiadores ligados aos Grupo de Trabalho Mundos do Trabalho, da Associação Nacional de História (Anpuh), que tenho me espelhado. Entretanto, estes diálogos, por mais férteis que estejam sendo para as minhas reflexões na pesquisa, não tem dado conta de questões que exigem um refinamento próprio dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores da sociologia do trabalho, e de uma prática de pesquisa no campo da antropologia em uma abordagem etnográfica.

As fontes que trabalhei até agora, foram produzidas no interior do próprio IOC. Seus arquivos estão recheados de uma documentação do setor de Recursos Humanos, desde a sua fundação no início do século XX. Na análise desta documentação é que tenho conseguido encontrar pistas para retirar da invisibilidade o trabalhador manual, seus processos de trabalho, de resistência e de luta. Na leitura desta documentação consegui identificar as transformações que aponto como centro de minhas questões. Cruzando essas fontes, tenho trabalhado com as entrevistas de trabalhadores técnicos do IOC, realizadas a partir de meados da década de 80 e que estão depositadas no acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Essas entrevistas seguem uma orientação que podemos chamar de “histórias de vida”.

Como exemplo, na leitura do “Livro de Acentados”², podemos observar por exemplo, como determinado trabalhador ao entrar como Servente de 1º Classe, em fins da primeira década do século XX, se tornava Auxiliar de Laboratório no final da segunda década, já que a mudança de função não implicava na exigência da formação profissional. As mudanças de atividades no trabalho nas primeiras décadas do século XX, ocorriam, principalmente, a partir da necessidade de ampliação dos quadros de trabalhadores que manuseassem os equipamentos dos laboratórios, acompanhando, dessa forma, o movimento da ampliação das pesquisas e fabricação de vacinas e medicamentos no IOC.

² O “Livro de Acentados” faz parte da documentação disponível no acervo do IOC. Todos os trabalhadores, nas primeiras décadas do século XX, eram ali registrados quando começavam a trabalhar no Instituto. O primeiro nome do livro é o de Oswaldo Cruz, no entanto, o caderno de registro de trabalhadores era o mesmo para as diferentes funções e cargos existentes. Além do Livro de Acentados, minha pesquisa tem percorrido outros acervos do IOC, depositados na Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz(COC). Uma documentação não organizada pelo Arquivo, também do setor de Recursos Humanos, tem sido de grande importância para a pesquisa. As observações contidas nesse texto sobre os trabalhadores, obedece as leituras que fiz até agora a partir desses documentos.

Mas isso não era regra, porque uma “promoção” poderia ocorrer, por exemplo, após o retorno da sua participação, como trabalhador do Instituto, na Expedição para Madeira-Mamoré, no combate a malária, liderada pelo diretor do IOC. Após a sua volta, esse trabalhador sairia da situação de Servente para a função de Distribuidor de Soro e Vacinas. E não pararia aí as alterações no seu “enquadramento funcional”. Diante de uma emergência poderia ser nomeado desenhista, enquanto houvesse necessidade de ocupação do cargo, retornando no ano seguinte (1922) à função anterior. Porém, em meados da década de 20, lá estava ele como Acondicionador de Serviços de Medicamentos Oficiais.

A identidade dos trabalhadores de Manguinhos também não era dada pela formação profissional formal, porque majoritariamente esses trabalhadores aprendiam o seu ofício no cotidiano de seu trabalho (BENCHIMOL, 1990). Talvez deveríamos buscar em algumas “ausências” a construção da identidade desses trabalhadores. Boa parte dos trabalhadores das três primeiras décadas do século XX, não possuíam nenhum nível de escolarização ou possuíam apenas o nível primeiro, completo ou incompleto.

Trabalhar no Instituto de Manguinhos para os trabalhadores subalternos significava a conquista de um trabalho ao lado de casa, o que facilitava a vida de qualquer um que não precisaria mais sofrer as dificuldades de locomoção para uma região de mangues e da quase escassez dos trens. O IOC foi construído ocupando parte do Morro do Amorim, local de moradia de uma população pobre que vinha sendo expulsa do Centro da Cidade do Rio de Janeiro, e, por outro lado, era atraída pelas proximidades com o Instituto e a possibilidade de trabalho lá. Nas primeiras décadas de existência do Instituto, muitos trabalhadores eram recrutados no Morro e aqueles que trabalhadores que vinham de longe, em alguns casos, tinham a permissão para a construção de moradia no terreno do IOC. Trabalhar e viver nas redondezas do Instituto, isso com certeza forjava a identidade desses trabalhadores.

Resultados:

O estudo aqui apresentado ainda está em andamento. Porém, podemos considerar alguns resultados parciais relevantes. A) a identificação da chegada da Fundação Rockefeller como agente acelerador das desconstruções dos antigos processos de trabalho no IOC. B) O processo de formação profissional e criação de novas profissões nas carreiras técnicas do IOC também avançam. C) Uma certa simbiose entre os moradores do Morro do Amorim e o IOC entra em um processo acelerado de

rompimento nesse momento. Como exemplo a construção do muro que passa a cercar o Instituto e a introdução, cada vez maior, de trabalhadores que moram em outras localidades.

Bibliografia Principal:

ANTUNES , Ricardo. Adeus ao Trabalho ? ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo : Cortez, 1995.

_____. Os sentidos do Trabalho. São Paulo : boitempo, 2000.

ABREU, Alice Rangel de Paiva(org) O Trabalhador Carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: JCEditores, 1994.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord). *Manguinhos, do sonho à vida: a ciência na “belle époque”*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BENSAID, Daniel, *Trabalho e emancipação*, in BENSAID, Daniel & LÖWY, Michel, *Marxismo, modernidade e utopia*, São Paulo, Xamã, 2000.

CHALHOUB, Sidney e SILVA, Fernando Teixeira da, “Sujeitos **no** imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”, *Cadernos do AEL*, vol. 14, no. 26, 2009.

FERNANDES, Tânia Maria e GAMA-Rosa, Renato. *Histórias de pessoas e lugares: Memórias das comunidades de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009

FONSECA, Cristina M. *Saúde Pública no Governo Vargas* in PONTE, Carlos Fidelis e KOBAYASHI, Elisabete e outros. *Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional*. 2009.
<http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/9650>. Acessado em maio de 2012.

FORTES, Alexandre *Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*, Rio de Janeiro, Garamond/Educs, 2004.

FORTES, Alexandre, NEGRO, Antonio Luigi & FONTES, Paulo, “Peculiaridades de E. P. Thompson”, in THOMPSON, E. P., *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, Campinas, EdUnicamp, 2001.

FRANZOI, Naira Lisboa. *Entre a formação e o Trabalho: Trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

FRENCH, John D., *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*, São Paulo, Hucitec/Pref. Mun. De São Caetano do Sul, 1995.

HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor, *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*, São Paulo, Global, 1982.

HOBBSBAWM, Eric, *Mundos do trabalho*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Kirk, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. Batalha, Claudio H.M (org) *Cultura de classes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

LOPES, José Sérgio Leite, “Introdução: formas de proletarização, história incorporada e cultura operária”, in LOPES, J. S. L. (org.), *Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora*, Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, 1987.

_____. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*, Brasília, EdUNB/Marco Zero, 1988.

MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos Subúrbios: a Experiência dos Trabalhadores de Inhaúma Rio de Janeiro (1890-1910)*. Rio de Janeiro: AGCRJ, 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

_____. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAN DER LINDEN, Marcel, “História do trabalho: o velho, o novo e o global”, *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 1, no. 1, jan-jun 2009, (<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho><http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>) (acessado em fevereiro de 2010).

VASCONCELLOS, Luis Carlos Fadel. *Saúde, Trabalho e Direito*. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

WILLIAMS, Raymond, *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

COC- Fiocruz. Extraído da apresentação do Fundo Fundação Rockefeller